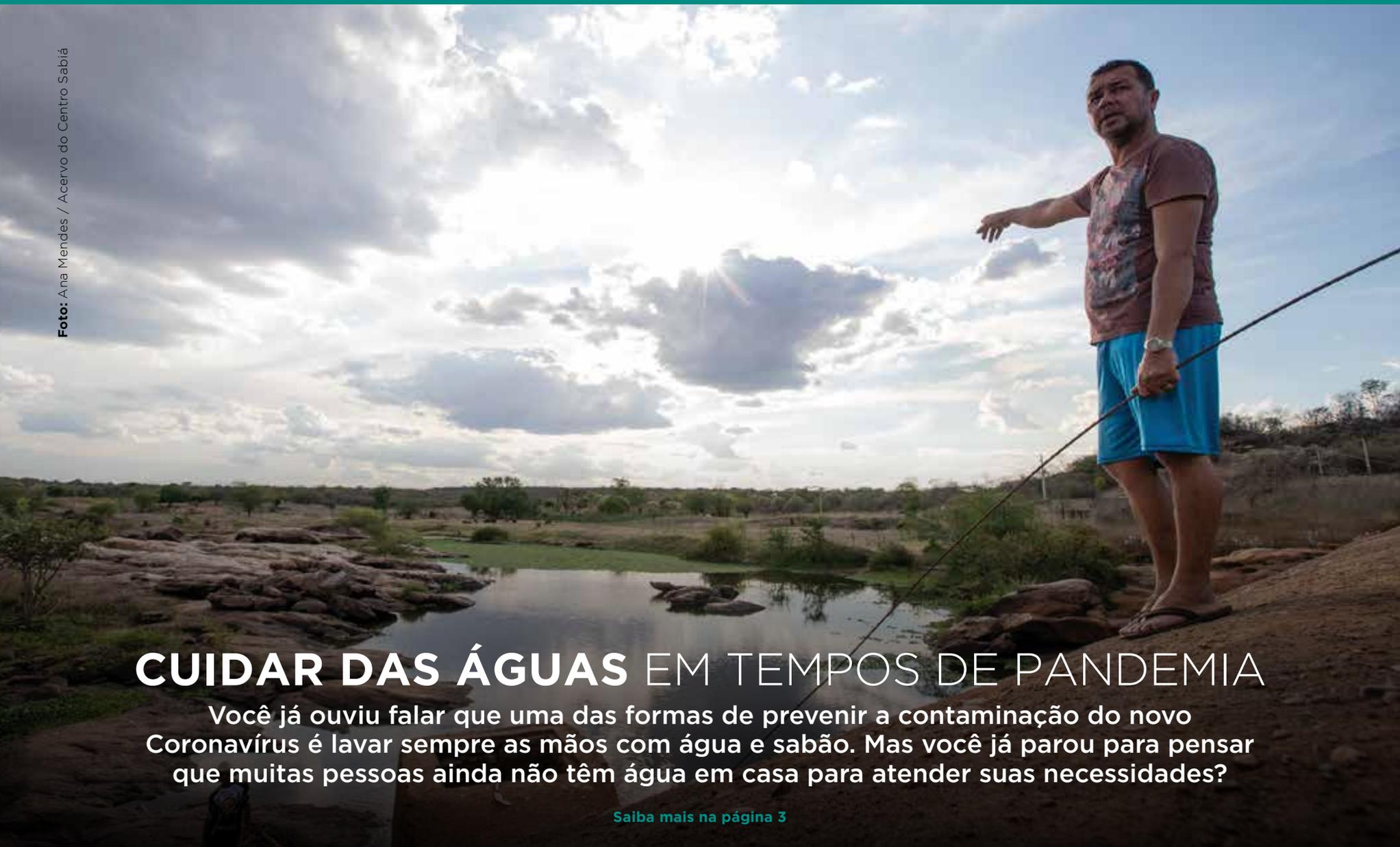




Dois Dedos de PROSA

Nº94 - Recife/PE - Maio/2020

Foto: Ana Mendes / Acervo do Centro Sabiá



CUIDAR DAS ÁGUAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Você já ouviu falar que uma das formas de prevenir a contaminação do novo Coronavírus é lavar sempre as mãos com água e sabão. Mas você já parou para pensar que muitas pessoas ainda não têm água em casa para atender suas necessidades?

Saiba mais na página 3

Segurança Alimentar é foco de encontro no Agreste

Página 2

Mês para reafirmar direitos sociais da mulher

Páginas 4 e 5

Lutas das juventudes no olhar de quem vem do campo

Página 8

Para tempos difíceis, Esperançar!

A população mundial vive num contexto de muitos desafios com a pandemia do novo Coronavírus. São milhares de pessoas mortas e outras milhares de infectadas. O isolamento social como principal orientação da OMS para reduzir as taxas de contaminação e a pressão sobre o sistema de saúde tem-se mostrado eficiente. No entanto, a pressão do capital e do mercado financeiro tem pressionado os governos para afrouxar as regras e fazer a economia girar, colocando em risco a vida das pessoas. Para além dessa perspectiva, no Brasil ainda vivemos um contexto de má gestão da crise por parte do Estado. Com o longo tempo entre a decisão e a implementação do auxílio emergencial para a população mais pobre e trabalhadores informais, ainda com milhões de pessoas sem conseguir acessar o recurso, as pessoas passam necessidades básicas de falta de alimentos e se arriscam voltando às ruas para trabalhar ou pedir comida. A postura do governo federal e do presidente enviam mensagens dúbias para a população e geram confusão sobre os procedimentos a serem tomados. No âmbito das organizações, a chama da esperança alimenta o esforço de apelar para a solidariedade das pessoas com o objetivo de garantir alimentos e cestas básicas para os que mais precisam, mantendo um constante movimento de pressão junto aos governos estaduais e federal, para garantir a compra de alimentos da agricultura familiar para atender a demanda das pessoas mais vulneráveis. O que nos resta é Esperançar num já difícil contexto de desgoverno que vivemos: vamos sobreviver à pandemia do novo Coronavírus.

Boa Leitura!

ENCONTRO NO AGRESTE CONTRIBUI PARA SEGURANÇA ALIMENTAR E COMBATE AO CORONAVÍRUS

Por Darliton Silva, comunicador popular do Centro Sabiá

Entre 13 e 14 de fevereiro, aconteceu na cidade de Vertentes, Agreste de Pernambuco, o Encontro Territorial – **É no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que a agricultura familiar resiste**. O evento celebrou junto aos agricultores, agricultoras e parceiros o encerramento de mais uma etapa do Projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2) da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), executado pelo Centro Sabiá com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Ministério da Cidadania (MC). O projeto envolveu 201 famílias dos municípios de Vertentes e Santa Maria do Cambucá, instalando cisterna-calçadão de 52 mil litros, tecnologia de captação e armazenamento de água para produção de alimentos e criação de animais e acompanhamento técnico. Além das cisternas, 69 famílias receberam o recurso financeiro de fomento, um investimento para fortalecer a atividade produtiva e melhorar a infraestrutura da propriedade.

O encontro oportunizou a troca das experiências entre as famílias agricultoras. Promoveu debate sobre os impactos dos agrotóxicos, potencialidades produtivas e



Foto: Darliton Silva / Acervo do Centro Sabiá

Encontro Territorial – É no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que a agricultura familiar resiste. Vertentes (PE).

mudanças nos agroecossistemas das famílias a partir do acesso às políticas públicas de convivência com o Semiárido.

Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá, coordenador executivo da ASA e membro do Núcleo Executivo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), falou sobre a importância dos 20 anos da ASA. Iniciativa que há 20 anos vem transformando em realidade o sonho de milhares de famílias camponesas do Semiárido brasileiro de ter água potável e para produção de alimentos, “a ASA já construiu 1,1 milhão de cisternas para consumo humano, 200 mil cisternas para produção de alimentos, 6,9 mil cisternas nas escolas e mais de 1 mil casas de sementes crioulas. Essas iniciativas são resultado de luta dos trabalhadores e trabalhadoras para garantir o direito de ter água em casa”, afirmou Alexandre.

Diante do contexto da pandemia global do novo Coronavírus, esse projeto gerou uma importante oportunidade com a melhoria nas infraestruturas agrícolas e processo de formação para as famílias, promovendo a produção de alimentos saudáveis e a geração de renda para as 201 famílias. Essa perspectiva pode garantir maiores condições para a superação desse momento.

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para jovens

MISEREOR IMR HILFSWERK

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico: Carlos Magno de Medeiros Moraes. Coordenadora Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva e Silva. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Gideão Patrício, Juliana Peixoto, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Iran Severino, Jullyana Lucena, Natália Porfírio e Pedro Eugênio. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darliton Silva e João Lucas França (Estagiário). EDIÇÃO: Mariana Reis (DRT/PE – 3899). NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS (CAATINGA – CENTRO SABIÁ): Maria Cristina Aureliano de Melo e Omar Rocha (Caatinga). ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana), Davi Fantuzzi (Construção Social de Mercados) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommens Schweiz, Cáritas Suíça, Ministério da Cidadania, BNDES, Secretaria de Desenvolvimento Agrário-PE (SDA)/Secretaria Executiva de Agricultura Familiar-PE (SEAF), Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). PROJETO GRÁFICO: Alberto Saulo. DIAGRAMAÇÃO: Thiago Almeida. IMPRESSÃO: Provisual Gráfica. TIRAGEM: 50 (cinquenta) exemplares.

EM CONTEXTO DA PANDEMIA, É MAIS QUE OPORTUNO CUIDAR DAS FONTES DE ÁGUA

Por Aniérica Almeida,
assessora para Agricultura Urbana
do Centro Sabiá



Foto: Afonso Cavalcanti

Maria José e Seu Pai Reginaldo Batista protegendo a nascente de água na comunidade de Barreiros, Carnaíba (PE).

Você já ouviu muito falar que uma das formas de prevenir a contaminação do novo Coronavírus é lavar sempre as mãos com água e sabão. Higienizar tudo que temos contato, que vamos consumir ou usar, com álcool gel 70% ou com água e sabão. Mas você já parou para pensar de onde vem a água que usamos? Ou que muitas pessoas ainda não têm água em casa para atender suas necessidades?

No mês de março, comemoramos o Mês das Águas e das Florestas. Você sabe quais as relações entre as águas e as florestas? Gostaria de te convidar a refletir sobre como os Sistemas Agroflorestais (SAFs) ou Agroflorestas, que são sistemas de produção de alimentos que, imitam a natureza e as florestas. A agrofloresta é um sistema onde se plantam diferentes espécies agrícolas e nativas, promovendo a proteção do solo e construindo equilíbrio ambiental na agricultura.

No Estado de Pernambuco, muita coisa tem mudado com a implantação das agroflorestas em áreas de nascentes, matas ciliares de riachos, rios e açudes. As mudanças que vão desde uma produção

mais diversificada de alimentos, à geração de renda e, acredite, geram aumento do volume de água nos agroecossistemas familiares! A água, que é um bem comum e muito importante para a vida de todos os seres, é fundamental nesse momento para combater o Coronavírus.

Veja o caso da jovem agricultura Maria José que mora na comunidade de Barreiros, município de Carnaíba, Semiárido de Pernambuco. Implantado em 2014 em uma área improdutiva da propriedade da família em que não havia nenhuma espécie de plantas da Caatinga e onde existia um olho d'água que secava todos os anos. A jovem relata que: "Há seis anos, através desse Sistema Agroflorestal, e na medida em que fomos plantando mais árvores, até hoje não falta mais água! Além da recuperação do olho d'água, produzimos frutas diversas e comida para os animais. Isso sem contar que é desse sistema que tiramos uma boa parte da nossa alimentação. Gera renda para a família e, o mais importante, reconstruímos o solo, que para muitos estava morto e improdutivo".

Na Mata Sul, várias famílias recuperaram nascentes, margens de rios e riachos com a implantação de Sistemas Agroflorestais. Ivanildo Paulino, jovem do Engenho Camarão, em Barreiros, destaca que: "Antes do SAF, o afluente do Rio Carimã que passa na nossa propriedade era muito limitado, só tínhamos água no período do inverno quando vinham as chuvas. Com a implantação do SAF na mata ciliar em 2017, a situação foi mudando ao longo do tempo, se revigorando, aumentando e chegando a um nível em que o afluente passou a ficar com água todo o período do ano. Além dos ganhos com a produção de frutas e hortaliças colhidas do SAF, veio o benefício da água que agora fica todo o período do ano".

As doenças na sociedade moderna estão associadas ao desequilíbrio ambiental e ao modo de vida das pessoas. Por isso, é importante apoiar iniciativas como a Agrofloresta que contribui para a produção de alimentos, de água e o equilíbrio ambiental.

ENTREVISTA

“REAFIRMAR O SER MULHER NUMA SOCIEDADE MACHISTA E PATRIARCAL É A LUTA QUE TRAVAMOS 365 DIAS POR ANO”

Confira a prosa que o DDP teve com Elizete Maria da Silva, mulher negra, mãe e trabalhadora rural, sobre os diversos significados do Dia Internacional da Mulher



Foto: Acervo do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Pernambuco

Elizete Maria da Silva, mulher negra, mãe, avó, divorciada e trabalhadora rural. Marcha das Margaridas, Brasília (DF).

O mês de março é um mês importante para a conquista dos direitos sociais da mulher. Marca anos de lutas – que ainda são travadas até hoje – para a conquista e manutenção de espaços de poder, de escolha e decisão. Março é o mês que marca o Dia Internacional da Mulher.

O 8 de março, Dia Internacional da Mulher, nasceu em 1909, em Nova York (EUA), criado pelo Partido Socialista da América (Socialist Party). Na época, o dia significava uma jornada de manifestações pela igualdade dos direitos civis, em favor

do voto feminino nos Estados Unidos da América.

Com o passar dos anos, muita coisa mudou, e a luta se desenvolveu para áreas que até então eram excluídas à luta feminista. Apesar dos anos acumulados, a luta pelos direitos e pelo espaço não acabou, e acontece hoje e sempre, sempre se renovando em discurso e ideais de liberdade e união. E união é a palavra-chave nos tempos atuais, com o constante enfrentamento ao novo Coronavírus.

Por isso, conversamos com Elizete Maria da Silva, mulher negra, mãe e trabalhadora rural, para trazer mais perspectiva ao debate sobre o Feminismo, inserido num contexto tão difícil que enfrentamos hoje no Brasil, não só na política, mas também na vida em sociedade, com o constante medo do contágio através do novo Coronavírus (COVID-19).

Dois Dedos de Prosa: Elizete, o que você faz e de onde vem a sua luta?

Elizete: Eu me chamo Elizete Maria da Silva, sou mulher negra, sou mãe, avó, divorciada e sou trabalhadora rural. Venho da luta desde os anos 1970, passei muitos anos dentro do movimento sindical, e nos anos 2000 entrei no movimento de mulheres, o movimento Feminista. Foi no movimento de mulheres que eu me descobri uma liderança política.

DDP.: Qual a importância de um mês como esse, dedicado ao debate da mulher, da voz ativa?

Elizete: O mês de março, para mim, tem uma grande importância porque é um mês onde a gente reafirma toda a discussão do ser mulher numa sociedade machista e patriarcal. É a luta que a gente trava os 365 dias do ano.

Para mim, a data significa um dia de muita reflexão e muita reafirmação da nossa luta e do nosso papel enquanto mulher nessa sociedade. A gente reflete muito sobre o nosso papel de mulher, de liderança, aonde a gente quer chegar e o que a gente quer enquanto mulher numa sociedade que é excludente e violenta.

“Se fôssemos esperar pelo Estado brasileiro, com certeza estaríamos mortas. Por fome, vírus ou violência doméstica”

DDP.: É mais difícil ser feminista e posicionada no Brasil de hoje?

Elizete: Sempre foi muito difícil a mulher se reafirmar enquanto mulher em nossa sociedade, construída, conduzida e dirigida por homens. Na época em que eu era jovem, existia um domínio patriarcal

“Eu não sabia que era feminista. Descobri que era depois que ingressei no movimento de mulheres, depois de debates e discussões sobre nossos espaços de poder e sobre quem somos”

que determinava o que você fazia, para onde você ia e com quem você ia. E eu sempre fui uma mulher muito 'desobediente'.

Eu nunca baixei a cabeça, nem nunca obedeci nem a papai nem a mamãe. Eu fazia o que acreditava que era melhor pra mim. Eu nunca pedia, eu dizia: "vou pra tal canto", independentemente de deixarem ou não, de eu apanhar ou não quando chegasse em casa. Eu ia.

Eu não sabia que era feminista. Descobri que era depois que ingressei no movimento de mulheres, depois de debates e discussões sobre nossos espaços de poder e sobre quem somos. Aí eu descobri.

Eu não nasci para viver só numa cozinha, lavando e passando roupa, cozinhando, cuidando de filho e cuidando de marido; não! Eu quero ocupar espaços que por direito são meus também.

Eu quero me ver, quero ver outros espaços, política, espaços de decisão, poder. Porque nós temos direitos. A sociedade é feita para homens e para mulheres, não só para um segmento que vai dominar. Deve ser justo e igualitário para os dois.



DDP.: Por fim, como você avalia a vida das mulheres nesse contexto do novo Coronavírus?

Elizete: Avalio que temos três grandes inimigos: a COVID-19, a fome e a violência doméstica. E muitas vezes nós mulheres nos sentimos impotentes, sem saber como lutar contra essa situação que está acabando com nossas vidas, violando nossos direitos, e destruindo nossa autoestima. Não é fácil uma mulher procurar comida em sua casa e não achar, sem ter como trabalhar, pois o trabalho é o único exercício que conhecemos que nos garante subsistência.

E a situação para nós, mulheres, só não está pior porque contamos com a solidariedade das pessoas caridosas, que graças a Deus ainda existem nesse País, e não medem esforços para nos ajudar. Com comida, palavras, com gestos, carinho e cuidado. Porque se fôssemos esperar pelo Estado brasileiro, com certeza estaríamos mortas. Por fome, vírus ou violência doméstica.



Elizete Maria da Silva, Marcha das Margaridas, Brasília (DF).

Foto: Acervo do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Pernambuco

PROJETOS QUE COMBINAM SANEAMENTO RURAL E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SÃO REALIDADE NO AGRESTE E SERTÃO DE PERNAMBUCO

Por Carlos Magno Morais, coordenador técnico pedagógico do Centro Sabiá

Este primeiro trimestre de 2020 começou com uma ótima novidade e alegria para as famílias agricultoras assessoradas pelo Centro Sabiá e pelo Caatinga, com um projeto em consórcio e com financiamento da Cáritas Alemã: iniciamos a segunda Fase do Projeto Terras de Vidas. A iniciativa se estenderá até 2022 e atenderá diretamente mais de 600 famílias em três territórios do estado, com a combinação Reúso de Água Cinza (RAC) + Sistema Agroflorestal (SAF). Nesta segunda fase, teremos cursos de agrofloresta, eventos públicos de comunicação e continuidade de estudos de monitoramento.

A primeira fase do projeto teve início em 2018, apoiado pela Cáritas Suíça, com 100 famílias envolvidas diretamente, sendo 50 no Sertão do Pajeú e 50 no Sertão do Araripe. Nessa primeira fase foi importante testar a tecnologia do reúso de água e se apostou numa estratégia de articulação com os SAFs. Os resultados preliminares do estudo feito pela Embrapa Semiárido e pelo NEPPAS/UFRPE foram surpreendentes, mostrando qualidade e volume da água reaproveitada, e a produção de forragem. Quase um ano depois, com os estudos desta primeira fase já concluídos, foram analisados dados de

cinco meses de pesquisa com um grupo de 10 famílias. Informações importantes foram reveladas como, por exemplo, de que uma família que possui as duas cisternas, de primeira e segunda água, têm um reaproveitamento médio de 68.000L de água. É um volume maior que uma cisterna-calçadão, o que indica que esta tecnologia tem um potencial de “esticar” o ciclo da água, ou seja, aquela água que iria ser desperdiçada ou mesmo iria regar poucas plantas e se infiltrar na terra com todos os seus contaminantes, agora é filtrada e destinada racionalmente para uma área de SAF através de um pequeno sistema de irrigação que pode ser um ponto fundamental pra a manutenção destas plantas no período de estiagem. Como afirma Dona Solange, agricultora no município de Flores, “se não fosse o RAC, as plantas tinham morrido todas, onde tem irrigação elas sobreviveram e onde não tinha elas morreram”.

No início de março, um grupo de assessores da Cáritas Alemã chegou a



Ivone e Evanice no Sistema de Reúso de Água Cinza (RAC) na comunidade de Gameleira, Itapetim (PE).

Pernambuco para visitar e conhecer o Centro Sabiá, o Caatinga e algumas famílias agricultoras que participaram da primeira fase do Projeto Terra de Vidas. As reuniões foram importantes para uma maior aproximação entre as organizações, sanar dúvidas e promover um planejamento inicial da execução.

Em função da pandemia global do novo Coronavírus, desde o mês de março as equipes das organizações seguem as orientações das autoridades de saúde, como a OMS e o governo do Estado de Pernambuco, e estão em distanciamento social. As atividades do projeto inicialmente planejadas para abril, com a construção e instalação dos sistemas, foram canceladas. As equipes seguem se comunicando com as famílias, mas a retomada das atividades só deve acontecer quando o período de quarentena finalizar e não houver riscos de contaminação nem para as equipes, nem para as famílias agricultoras.

CONHEÇA MAIS SOBRE ESSA TECNOLOGIA:

 www.encurtador.com.br/klaw5

 www.encurtador.com.br/gruz9

A CAATINGA, UM PATRIMÔNIO BRASILEIRO AMEAÇADO

Por Paulo Pedro, coordenador geral do CAATINGA – Centro de Assessoria e Apoio a Trabalhadores/as e Instituições Não Governamentais Alternativas

A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, onde está a maior parte das áreas suscetíveis à desertificação no País e onde predomina o clima Semiárido, com rica e rara biodiversidade, pois grande parte de seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em nenhum outro lugar do planeta. Cerca de 1/3 de suas plantas e 15% de seus animais são espécies exclusivas deste bioma. Reconhecida como uma das 37 grandes regiões naturais do planeta, ao lado da Amazônia e do Pantanal. Porém é o terceiro bioma brasileiro mais degradado, ficando atrás apenas da Mata Atlântica e do Cerrado neste aspecto. Quase metade de sua extensão já está profundamente degradada pela ação humana.

O processo de desertificação em nível grave já atinge 13% (em torno de 132.355 km²) do Semiárido brasileiro e ameaça a conservação da caatinga e a vida de várias comunidades e territórios, segundo estudo feito pelo LAPIS (Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites) da UFAL (Universidade Federal de Alagoas), no período de 2013 a 2017.

Considerando os últimos levantamentos, o Semiárido brasileiro ocupa uma área de 1,03 km² (12% do território brasileiro), em 1.262 municípios nos nove estados da Região Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) e também no Estado de Minas Gerais, na Região Sudeste, onde vivem 27.000.000 habitantes (em torno de 13% da população brasileira); 40% da população da região vive em áreas rurais, totalizando 1,7 milhão e mais de 8,5 milhões de pessoas; as chuvas variam entre 200 a 800 milímetros por ano; e a evapotranspiração



Caatinga – Um bioma forte e resiliente. Seu Chico Peba, Sítio Água Branca, Santa Cruz (PE).

média de 3.000 milímetros por ano. Já a vegetação nativa é a caatinga – nome indígena que significa mata cinza.

Com biodiversidade bastante resistente e resiliente, dotada de uma delicadeza e características próprias, a caatinga se transforma de acordo com o ciclo anual das chuvas. Em épocas de estiagem, a vegetação perde as folhas como estratégia de reduzir a perda de água. Assim, é possível perceber a beleza da caatinga em épocas de chuvas, com suas folhas verdes e árvores floridas, mas também observar sua beleza e resistência nos períodos de estiagem e secas.

Além do baixo nível e irregularidade das chuvas, as altas temperaturas, com médias anuais de 27 a 29 graus e a predominância dos solos rasos e pedregosos, que armazenam pouca água, estão entre suas principais características.

O uso insustentável de seus solos e outros bens naturais contribui para a degradação da Caatinga ao longo dos anos. Como exemplo, na região do Araripe em

Pernambuco, estima-se que nos últimos 30 anos foram desmatados cerca de 857.000 (oitocentos e cinquenta e sete mil) hectares de florestas nativas, o que faz prever em 42 anos o tempo de vida restante para a cobertura vegetal ainda existente.

Assim como o cerrado, a caatinga não é reconhecida como patrimônio nacional. Tramita no Congresso Nacional um Projeto de Lei com o propósito de alterar essa conjuntura.

Organizações como o Centro Sabiá e o CAATINGA, membros de redes como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e de outras redes, atuam na defesa do bioma, na preservação e conservação de seus bens naturais e de seus povos. Além de propor e executar ações de convivência com o clima Semiárido, que significam estratégias adequadas de manejo com o ambiente, conseqüentemente valorizando o bioma caatinga e contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar diversa, desenvolvida por inúmeros povos tradicionais que vivem no bioma.

É DIA DE CELEBRAR...

Por Kássia Maria Queiroz da Silva, diretora-presidenta do Instituto de Protagonismo Juvenil (IPJ) e membro da coordenação colegiada do Fórum de Juventudes de Pernambuco (FOJUPE)



Foto: Fórum de Juventudes de Pernambuco (FOJUPE)

Assembleia Geral do Fórum de Juventudes de Pernambuco (FOJUPE), Caruaru (PE).

No dia 30 de março foi comemorado o Dia Mundial da Juventude. Quando me perguntam a importância dessa data, penso que ela de fato é um momento de celebração e afirmação das diversas identidades juvenis.

É importante pautar que a juventude foi e é muitas vezes invisibilizada. O sujeito jovem por vários momentos foi visto de formas diferentes pela sociedade em geral. Houve um tempo em que o jovem era visto apenas como aquele que estudava, invisibilizando os demais da mesma faixa

etária que não tinham a oportunidade de estudar; em outro momento, o jovem foi visto como aquele que conseguia ser inserido no mercado de trabalho e, por muitas vezes, o jovem foi visto como rebelde e baderneiro.

Como resposta a todos esses estigmas, a juventude se organizou e lutou por direitos, já que os deveres eram muitos. Em 2013, por meio da Lei 12.852/2013, foi instituído o Estatuto da Juventude, que legitima como sujeitas e sujeitos de direito aqueles jovens que estejam na faixa etária

entre 15 e 29 anos e respeitando suas diversas realidades e identidades.

Sou jovem, mulher do interior de Pernambuco, estudante e trabalhadora, venho passando por minha juventude lutando para ser escutada, ocupando os espaços sociais, políticos e acadêmicos, e entendo que o dia 30 de março vem legitimar nossas lutas. Para além disso, é dia de festejar com os nossos e nos cuidar também, lembrar que somos muitos e que precisamos nos fortalecer sempre.

Os impactos do Coronavírus na vida das juventudes

“Diante do cenário que o País e o mundo vêm enfrentando com o novo Coronavírus, nós, juventudes de diversas expressões e linguagens de Pernambuco, estamos sofrendo com toda essa pandemia, que todos os dias mata pessoas no mundo inteiro. A pandemia do Covid-19 vem gerando impactos na vida das pessoas como o desemprego, aumentando a pobreza e gerando as mais diversas situações de vulnerabilidade social. Nem o Brasil, nem os outros países estavam preparados para uma situação como essa e por isso há diversas dificuldades, mas aqui as dificuldades são de natureza política. Acredito que toda a população está em risco, e destaco a população do campo como os povos indígenas, quilombolas, ciganos, pescadores, ribeirinhos e tantas outras comunidades que não têm acesso a informações precisas e em que as políticas públicas quase não chegam ou nunca são executadas. As juventudes estão inseridas nesse contexto desafiador, assim como os jovens que estão na periferia das cidades”.

Maurílio Nogueira, Indígena do Povo Truká, Presidente do CEPPJ/PE pelo FOJUPE, Educador da Cáritas da Arquidiocese de Olinda e Recife



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia